

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO DEMARCADORA DE FENÔMENO SOCIAL

LA LANGUE DES SIGNES BRÉSILIENNE COMME DÉMARCEUR D'UN PHÉNOMÈNE SOCIAL

Ronaldo Manasses Rodrigues Campos 

RESUMO

Este trabalho constitui em excerto da Tese de Doutorado intitulada *Ecos do silêncio: culturas e trajetórias de surdos de Macapá*. Assim, esse texto versa sobre a LIBRAS como uma possibilidade de inserção do surdo na sociedade. A análise lança mão da metodologia de construção de trajetórias (KOFES, 2011) e, assim, reflete sobre as trajetórias de vida de surdos a partir de entrevistas e visitas às igrejas das cidades de Macapá e Santana, no Amapá. Para tanto, usa-se como referenciais teóricos Bourdieu (2002) e Kofes (2011). Conclui-se que mesmo a LIBRAS sendo reconhecida por força de Lei como a língua de expressão da comunidade surda brasileira, há ocorrência de processos de estigmatização ainda marcantes e excludentes.

PALAVRAS-CHAVE: LIBRAS. Sociologia. Fenômeno social. Trajetórias. Surdos.

RESUMÉ

Ce travail constitue un extrait de la thèse de doctorat intitulée *Échos du silence: cultures et trajectoires des sourds à Macapá*. Ainsi, ce texte traite de LIBRAS comme possibilité d'insertion des sourds dans la société. L'analyse utilise la méthodologie de construction de trajectoires (KOFES, 2011) et réfléchit ainsi sur les trajectoires de vie des personnes sourdes à partir d'entretiens et de visites d'églises dans les villes de Macapá et Santana, à Amapá. Pour cela, Bourdieu (2002) et Kofes (2011) sont utilisés comme références théoriques. Il est conclu que même LIBRAS étant reconnu par la loi comme la langue d'expression de la communauté sourde brésilienne, il existe encore des processus de stigmatisation marqués et excluants.

MOTS-CLÉS: LIBRAS. Sociologie. Phénomène social. Trajectoires. Sourds.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua de modalidade visoespacial, diferente da Língua Portuguesa, que é oral-auditiva. A LIBRAS, como é hoje reconhecida por força da Lei n. 10.436/2002, o que para a comunidade surda brasileira foi uma grande conquista.

No Amapá, a Língua de Sinais, tanto quanto em outros Estados, ainda é extremamente estigmatizada e desconhecida pela grande maioria da população¹. E ainda é natural as pessoas ao serem interpeladas sobre a LIBRAS responderem que nunca ouviram falar sobre ou pensarem ser gestos, mímica. O que é um grande equívoco, pois a Língua de Sinais tem todas as características de uma língua humana natural. Não é porque o canal que o surdo usa para se comunicar é diferente que este anula ou desqualifica sua língua (GESSER, 2009).

Ainda relatando a experiência de Gesser (2009), quando esta foi questionada se a língua de sinais é mímica, diz que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, pois está além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a Língua de Sinais. Está associada a essa pergunta à imagem social que muitos ouvintes têm sobre os surdos. Qual seja: uma visão deturpada acerca da anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles.

A situação que se coloca neste contexto é a do apagamento social, uma vez que a surdez deixou de ser, ao longo dos anos, uma condição impeditiva de socialização entre surdos e não surdos. E passou a ser um fenômeno social à medida que os surdos passaram a se organizar e lutar por espaço e reconhecimento social. Desde a fundação do Instituto Imperial de Meninos Surdos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos, por D. Pedro II, em 1854, muita coisa mudou. Os surdos foram além dos muros de escolas especiais, organizaram-se politicamente e, a partir dessa organização política, surgiram as associações e confederações de surdos dando mais notoriedade e visibilidade à comunidade surda brasileira.

Um exemplo bem evidente desta organização é a Federação Nacional de Surdos (FENEIS) criada em 1987, naquele momento por ouvintes, com o intuito de defender os interesses e os direitos das pessoas surdas. Ela está ligada a *World*

¹ Para saber mais a este respeito ver em CAMPOS, Ronaldo Manasses Rodrigues. A apropriação da legislação de LIBRAS em escolas públicas de Macapá: entre a letra da lei e as práticas escolares. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas). Disponível em: <http://www.unifap.br/public/biblioteca/index>. Acesso em: 30 set. 2022.

Federation of the Deaf (WFD)² que é uma Federação Mundial de Surdos. Esta hoje representa e apoia os interesses de mais de 70 milhões de surdos no mundo em 127 países. Tem como preceitos principais a defesa do uso das línguas de sinais pelas comunidades surdas em seus países, uma vez que, em sua maioria vivem em famílias de ouvintes que desconhecem sua peculiaridade linguística e, ainda mais, não demonstram interesse em aprender a língua de sinais e assim interagir, conviver melhor com os surdos.

Atualmente, já se pode comprovar, por meio de pesquisas científicas, como exemplo as de Goldfeld (2002), que mostram o quanto a convivência de surdos é difícil e seu desenvolvimento prejudicado quando nascem em lares de pessoas não surdas. Há um grande mito em torno da comunicação dessas pessoas, seus familiares (ouvintes) costumemente acreditam que por serem surdos, basta que aprendam as técnicas de leitura labial ou que, devam aprender a verbalizar como os demais, pois só assim serão capazes de conviver no meio social³.

Entretanto, mesmo que um surdo tenha o domínio da leitura labial convivendo em meio a interações somente por meio de emissão de fonemas (oralidade), ainda assim mais de 50% (cinquenta por cento) das informações veiculadas pelos indivíduos a sua volta terão sido perdidas (GOLDFELD, 2002). Como consequência disso, poderá haver um atraso em seu desenvolvimento, pois uma vez longe do contato com uma língua de sinais que é estruturada, o surdo não terá condições de dialogar ou refletir sobre questões abstratas e sim tão somente por situações imediatas, já que usará um sistema de comunicação sem estrutura organizada para isso.

Nesse sentido, o mito está em acreditar que a Língua de Sinais não é língua. E para isto usaremos o conceito de língua nos termos de Bakhtin (2012). Para Bakhtin a língua é baseada no contexto comunicativo, ou seja, das relações sociais. O que faz com que o indivíduo atinja a enunciação, logo a consciência sobre aquilo que está sendo tratado no momento da comunicação. E mais ainda, para Bakhtin (2012), por

² Ao se traduzir a palavra DEAF – encontra-se o termo surdo. O que chama atenção é o uso desse vocábulo pela comunidade surda brasileira e amapaense. Em sua maioria os surdos criam páginas nas redes sociais usando o termo deaf associado ao seu nome de batismo como se fosse não só uma identificação, mas também uma demarcação social, uma diferenciação necessária para fortalecer seu grupo social frente aos demais.

³ Técnica em que o indivíduo aprende a ler, e decodificar os sons por meio dos movimentos dos lábios do emissor da mensagem (GOLDFELD, 2002).

ser social, a língua é um retrato social, ou seja, determina, exclui e classifica de acordo com a dinâmica de seus signos, e se assim o é, a língua é ideológica, e ideologia nada mais é que o reflexo das estruturas sociais.

Sendo assim, a LIBRAS possui uma estrutura tamanha, complexa com a qual é possível comunicar-se e dialogar sobre quaisquer assuntos, desde uma explicação de uma receita de bolo ou mesmo a conjuntura política do Brasil.

Outra questão se faz importante mencionar: a peculiaridade linguística do surdo. Este tem sua língua própria e conseqüentemente aponta uma cultura, mas que discorrerei com mais profundidade mais à frente, a fim de clarificar o que seria a chamada cultura surda, que é desconhecida pela grande maioria da sociedade ouvinte. Justamente porque vivem numa sociedade de ouvintes em que a cultura, considerada e legitimada como tal, é aquela que envolve o homem em sua teia, mencionada por Geertz (2012).

Certeau (2012), por sua vez, menciona que os grupos minoritários lutam para se firmar, no que chama de "autonomia cultural". Em virtude exatamente de se pautar somente pela negação, ou seja, "não sou branco diz o negro", "não sou chileno, diz o brasileiro", "não sou ouvinte, diz o surdo". E o equívoco nestas afirmações está em acreditar que essa é uma ideologia política, já que os surdos são não somente um grupo minoritário, mas um fenômeno social que requer também uma reformulação cultural e política (CERTEAU, 2012).

Se os surdos continuarem neste equívoco achando que só é necessária uma reformulação cultural serão, como afirma Certeau (2012) fatalmente recuperados, exatamente porque, nas reflexões deste autor, a manifestação cultural é apenas uma parte, a primeira cortina de uma unidade social que ainda não encontrou o que ele chama de consistência político-cultural. O que significa que a comunidade surda não pode ficar afirmando que sua marca diferencial dos ouvintes está em sua cultura.

É preciso um engajamento político dos surdos para então se firmarem nesta sociedade. Certeau (2012 p. 146) sugere que um grupo, ao se afirmar como processo cultural, não pode permanecer somente nesta vertente, nesta discussão, pois ao fazê-la será uma diminuição e até uma discussão ínfima, como se o grupo de surdos ficasse num "teatro", transformando, assim a vida num verdadeiro espetáculo, perdendo grandes oportunidades de se firmarem como grupo socialmente reconhecido dentre os demais presentes na sociedade.

Seguindo esta análise, outra questão se faz importante mencionar acerca da Língua de Sinais. A de ser, segundo Oliveira (2000), uma língua periférica. Em seu texto, intitulado *O trabalho do Antropólogo*, Cardoso de Oliveira (2000) constrói uma brilhante discussão acerca da antropologia ocidental hegemonicamente aceita e antropologia marginal, desconhecida, exótica. Bem como fala sobre as culturas ocidentais e as exóticas, as periféricas. E é neste sentido que chamo a atenção para a LIBRAS ser considerada então uma língua exótica, desconhecida, periférica.

O mote desta análise está em refletir sobre as consequências da LIBRAS ter tal *status* social. Uma vez sendo considerada periférica (marginalizada), sofrerá com o preconceito e grande dificuldade em transpor a barreira que ora será imposta pela língua oral hegemônica, a Língua Portuguesa, o reflexo se reverbera nas ações cotidianas dos sujeitos quando não se permitem sequer conhecer a LIBRAS e, por conseguinte seus usuários naturais, os surdos.

Promover então uma discussão sobre a Língua de Sinais se faz necessário em virtude de ser considerada a língua de expressão da comunidade surda brasileira. Isso naturalmente leva a outra discussão, a de uma dicotomia de culturas, a saber: a cultura ouvinte e a cultura surda, já que uma língua não está dissociada de uma cultura. Importante dizer que há autores que tratam dessa questão em outros países, não somente no Brasil e mais, não é uma discussão recente, já há algum tempo ela vem sendo debatida. Conforme Monaghan (2002, p. 17):

Os aspectos formais da cultura surda brasileira são ainda mais jovens. Como Berenz (capítulo 9) descreve, embora a primeira escola para surdos tenha sido fundada em 1857, a primeira organização de surdos nacional gerida por pessoas surdas só foi estabelecida em 1987. Dois delegados surdos para uma conferência nacional sobre deficiência, Ana Regina de Souza e Campelo e João Carlos Carreira Alves, receberam um mandato para iniciar uma organização nacional. Este grupo, Federação Nacional para a Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), guiou a luta para o reconhecimento da língua de sinais no Brasil, incluindo uma marcha com bastante movimento, em setembro de 1994, que exigia que a linguagem de sinais fosse reconhecida e ensinada nas escolas para surdos. Com a ascensão da FENEIS e a introdução de aulas de língua gestual na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem havido uma grande mudança no que é esperado das pessoas surdas brasileiras. Anteriormente, as pessoas foram julgadas por suas habilidades em língua portuguesa enquanto agora elas são julgadas pela sua capacidade em Língua de Sinais Brasileira (tradução minha).

Seguindo essa análise, alguns autores brasileiros tecem uma salutar reflexão acerca da cultura surda. Strobel (2013) nos sugere que a cultura surda é o jeito pelo qual o surdo transforma e vê o mundo, com suas marcas indeléveis, e assim se torna uma forma de contribuição na construção das identidades dos surdos, sejam elas

individuais e/ou sociais, como sujeitos que acessam o mundo por outro canal, por outra via de interação social, fio condutor desta tese.

Como bem sinalizou a autora acima, existe um movimento cultural de surdos que se difere da cultura da grande maioria da sociedade, uma vez que está diretamente relacionado às crenças, hábitos e o jeito próprio dos surdos acessarem o mundo que os cerca e que, por assim ser, experimentam-no de outra maneira, por meio da experiência visual e não auditiva como os demais sujeitos sociais. Sá (2012) nos sugere que o que constitui uma sociedade são seus fenômenos culturais heterogêneos, ou seja, é preciso então reconhecer que mesmo vivendo no Brasil há uma diversidade de culturas que se entrelaçam e convivem num mesmo espaço.

É importante dizer que esse não é um movimento exclusivo das comunidades surdas brasileiras. Em todo mundo essas comunidades se interpelam e se relacionam a partir da experiência visual, construindo fortes laços de amizade e de convivência.

Há, por outro lado, a questão da dicotomia surdos x ouvintes. Um abismo se faz entre estes dois grupos de sujeitos vivendo numa mesma sociedade. É necessário, portanto, refletir sobre isso, afinal, o que se quer não é um fortalecimento desse abismo, e sim a sua diminuição.

Tal questão ainda fica, em certa medida, mais acirrada quando estes grupos entram em contato diário. Os surdos tentam a todo custo entender, se adequar ao mundo dos ouvintes e estes, por sua vez, não têm feito tanto esforço para estabelecer comunicação. A grande maioria ainda se justifica dizendo que desconhece a língua e a forma do surdo experimentar o mundo, que aumenta a disputa por espaço e conseqüentemente reforça a discriminação e apagamento social. Bergamo; Santana (2005) afirmam que a exclusão social, educacional e profissional dos surdos ainda está diretamente ligada à questão da linguagem oral, uma vez que surdos, em sua maioria, não se utilizam deste mecanismo para a comunicação. Vivem então uma discriminação muito forte que chega a ser restritiva, determinando os espaços em que o surdo transita.

Assim, é importante se fazer a seguinte discussão: a chamada cultura surda, tida por alguns teóricos como os costumes, o uso e conhecimento da Língua de Sinais não se encerra tão somente nisso. Se assim fosse, seria colaborar para uma visão muito reducionista do que seja cultura e ainda colaborar para estereótipos do tipo: por ser surdo há uma determinância no sentido das escolhas para a vida dessas pessoas. Como por exemplo, por ser surdo, só estudará num Curso de

Letras/LIBRAS, só poderá usar os aparatos constituídos para o grupo de surdos e isso não deve ser desta forma, o surdo pode e deve fazer suas escolhas a partir de suas construções e interações sociais e não a partir desse determinismo imposto por suas famílias e profissionais que os cercam, podem e devem escolher que carreira seguir e como fazer sem serem prisioneiros de uma regra socialmente estabelecida tanto por ouvintes quanto por outros surdos.

Quando o ser surdo é impelido a entender que deve exclusivamente frequentar as associações de surdos e as instituições “preparadas” para recebê-los e não se envolver com ouvintes, em lugares frequentados por ouvintes, tais “regras” reforçam ainda mais o abismo que existe entre os dois grupos deixando de ser um distanciamento/impedimento comunicacional para ser um abismo social.

1 A CULTURA E OS ARTEFATOS CULTURAIS SURDOS

Já foi mencionado, neste trabalho, a questão cultural, uma vez que se fala de um grupo que luta por reconhecimento social. Entretanto, continuarei a usar as bases na produção de Michel de Certeau para referendar de forma um pouco mais aprofundada esta questão e assim tentar fazer um paralelo com a chamada cultura surda, requerida pela comunidade surda, como fator delimitador de diferença dos demais sujeitos sociais.

Inicialmente, Certeau (2012), em sua obra, *A cultura no plural*, já faz uma grande reflexão acerca do que seja cultura. Para ele é muito mais que costumes, ações, práticas sociais, que durante muito tempo eu mesmo cria ser. A cultura só tem o sentido pleno quando as ações, as práticas sociais têm algum sentido, significado, para quem as executa. Sendo assim é necessária, então, uma apropriação dessas ações pelo sujeito. Pensando nessa perspectiva, lembro-me da manifestação do Marabaixo, dança tipicamente amapaense, trazida pelos negros escravizados que fundaram a então Vila de São José de Macapá, mas que é muito desconhecida pela grande massa dos amapaenses. Inclusive há, no Estado, movimentos com o propósito de difundir a cultura do Marabaixo. Ocorre que, em muitos bairros e em outros locais como escolas da capital, as pessoas afirmam não reconhecer marabaixo como sua cultura e, por isso, muitas vezes são hostilizadas por aqueles que o têm como representatividade cultural do Amapá. Evidentemente que nessa negação há um preconceito muito grande, até certa medida, histórico, com as

populações negras e quilombolas do Amapá. Entretanto, é preciso analisar mais profundamente a questão.

Corroborando ainda mais a discussão de cultura, de forma mais geral, é importante inserir, antes de seguir com as análises, uma digressão a respeito do tema usando outros autores. Como bem já foi dito neste trabalho, Sá (2012) discorre dizendo que os estudos culturais ensejam-se, centralizam-se a partir da análise de cultura como experiência da vida social de um grupo.

Partindo desta premissa, tentarei discorrer sobre o que seja cultura de forma bem pragmática, em virtude de entender ser uma questão central nesta busca por construção de trajetórias dos surdos em Macapá. Para tanto, bebi nos escritos de Silva (2000), ao dizer que cultura é um jogo de poder, é inclusive a forma como a sociedade define o mundo, é também o campo onde se define a forma como as pessoas e os grupos sociais devem ser, incluindo aqui os grupos minoritários. A este respeito, Certeau (2012) lembra que os registros pelos quais um movimento minoritário, como é o dos surdos no Brasil, pode tomar corpo são o cultural e o político.

Ocorre que é preciso cuidado ao fazer isso, sob pena deste grupo diminuir-se a um ou outro, ou seja, não conseguir extrapolar a barreira do cultural ou do político e mais ainda: se é a partir de vestígios culturais e políticos que grupos minoritários começam a tomar corpo socialmente é importante atentar para a questão de que muitos desses grupos iniciam essa busca por afirmação a partir de uma negativa; o negro, o índio, o homossexual, ao negarem a oposição de uma maioria social.

Certeau (2012) diz que este deve ser o ponto de partida, mas que esses grupos minoritários não podem incorrer no equívoco de permanecer sempre nessa negativa. Em virtude de não terem força política, tais grupos permanecem sem a possibilidade de se manifestarem de forma mais autônoma, sendo assim, certamente cairão na ideologia, no discurso, sem nenhuma efetividade para o que buscam.

Ao participar do I Encontro Nacional de Surdos e Surdas em Goiânia-GO em 2015, presenciei, em três dias de eventos, situações semelhantes às exemplificadas por Certeau (2012) ao referir-se à cultura de grupos minoritários. A estrutura do encontro se deu pela preocupação em organizar a programação com surdos do Brasil e do Exterior. Havia somente surdos entre os palestrantes, surdos como intérpretes e surdos como ministrantes nas oficinas. O encontro foi organizado pela Associação de Surdos de Goiânia, em parceria com outras associações de surdos nacionais e

internacionais. Entretanto, não é somente este fato que quero enfatizar, pois este seria um movimento natural, esperado de qualquer grupo minoritário buscando sua afirmação política. Mas também chamo atenção para as interações entre surdos e ouvintes que participavam do encontro.

As palestras eram todas feitas em Língua de Sinais, claro, com a preocupação em disponibilizar o serviço de interpretação para quem desconhecia a LIBRAS, mas, nas interações informais, nas relações rosto a rosto, a lá Goffman (2012), é que pude perceber, em vários momentos, o descontentamento de alguns surdos com a presença de ouvintes, quando perguntavam se a pessoa era ouvinte e esta respondia afirmativamente, o surdo ou a surda se afastava imediatamente, fazendo uma expressão de descontentamento.

Em dado dia, na hora do almoço, fui em companhia de outros dois professores ouvintes para um restaurante próximo ao local onde ocorria o evento. Ao chegarmos lá, vimos várias pessoas que também estavam participando do encontro, inclusive surdos e um deles sinalizou a mim, perguntando se eu era intérprete, disse que sim, então me pediu para que traduzisse à garçonne o que ele queria para almoçar e beber, já que a mesma não sabia LIBRAS, e no momento tentava explicar a este que o restaurante tinha uma promoção: se o cliente consumisse o almoço por peso, e não por prato feito ganharia como cortesia um copo de suco. Então, assim fiz, traduzi para o rapaz o que a garçonne falava, ele compreendeu, agradeceu e se retirou de perto de mim e dos outros dois professores, como se nunca tivéssemos nos encontrado ou nos conhecêssemos, mesmo participando de um encontro em que já havíamos passado dois dias inteiros no mesmo local, vez ou outra nos encontrando e sinalizando ou ainda participando de grupos menores nas oficinas.

O que parece, então, é que o grupo de surdos que ali estava, em alguns momentos, demonstrava estar ainda no princípio de sua afirmação política como grupo minoritário, ou seja, negando o ser ouvinte e mais ainda, negando a este a possibilidade de aproximação e, por conseguinte, de interação e diminuição da dicotomia que os separa.

Outra questão salientada por Certeau (2012) ao dizer que cultura é a questão da interlocução, ou seja, quem fala e para quem fala? Neste sentido, direciono as bases de estudo de Certeau (2012) para os surdos, já que são um grupo que historicamente tem sido alijado de qualquer processo social, ou para não ser tão absolutizante, tem sido quase na totalidade alijados dos processos sociais. Como bem

já foi dito por Strobel (2009), autora surda, há uma história cultural que narra a história dos surdos a partir de protagonistas, autores, professores e artistas surdos, mas que não foram reconhecidos historicamente e, neste caso, é importante dizer que, o apagamento social que os surdos sofreram não significa dizer que não existiram professores surdos, artistas surdos entre outros. Minha intenção neste trabalho não é tão somente descrever e construir suas trajetórias, mas também e, sobretudo, ir ao encontro de suas experiências, e para tal, preciso considerar a forma como experimentam o mundo, ou seja, suas experiências são baseadas pelo visual, e não pelo auditivo como a maioria esmagadora da sociedade amapaense, brasileira e mundial.

Nesse contexto, trago então à baila o que nos estudos culturais chamam de artefatos e que não pode ser confundido apenas com o materialismo cultural, mas também é o modo em que o sujeito entende, vê e transforma o mundo (STROBEL, 2013).

Logo, existem artefatos culturais surdos. Chamarei atenção para um deles aqui, que são baseados nas experiências visuais do povo surdo. Pela ausência de audição, os surdos percebem tudo a sua volta a partir da visão, que vai desde simples acontecimentos, como o latido de um cachorro, como a explosão de uma bomba, tamanha é a transformação que se tem da paisagem numa situação como esta (STROBEL, 2013).

Dentre tantos artefatos culturais, quero aqui trazer a atenção ao artefato língua de sinais, já mencionada anteriormente, mas não com essa abordagem. Por isso retomo a discussão da LIBRAS. Para o surdo, essa é uma das principais marcas de sua identidade linguística como surdo que ainda é muito desconhecida pela maioria esmagadora da sociedade. Desde a sanção presidencial da Lei n. 10.436 de 2002, Lei de LIBRAS, muito se passou, as mudanças são perceptíveis, entretanto ainda está muito distante do ideal de comunicação e acesso as informações pelas pessoas surdas do Amapá e do Brasil.

Strobel (2013) diz que a Língua de Sinais é uma língua prioritariamente, do que ela chama de povo surdo, que explicarei mais a frente, e que é expressa por meio da modalidade espaço visual. É importante desmistificar o credo de que a Língua de Sinais é universal. Na verdade, para cada país há sua Língua de Sinais, ou seja, todos os países têm sua língua oral e também sua Língua de Sinais, basta que existam surdos. Assim tem-se a Língua Brasileira de Sinais (Brasil), Língua Francesa

de Sinais (França), Língua Americana de Sinais (EUA), Língua Gestual Portuguesa (Portugal) entre outros.

Outra informação importante a ser dita a respeito deste artefato língua, é que assim como nas línguas orais, há o que chamam de regionalismos. Assim, existe diferença de sinais na LIBRAS usada em Fortaleza, por exemplo, para a LIBRAS usada em Macapá. O que na Língua Portuguesa é chamada de variação linguística, da mesma maneira tem-se em LIBRAS. Por ser uma língua, a LIBRAS não pode ser estudada baseada na Língua Portuguesa, uma vez que tem sua própria Gramática, Semântica, Pragmática, Fonologia e Sintaxe (KARNOPP; QUADROS, 2004).

Alguns sinais só existem em Macapá, como por exemplo, o sinal de — égua, que é uma expressão típica do falar amapaense e paraense. É comum nas conversas, em rodas de amigos, se ouvir essa expressão para enfatizar uma informação, ou ainda para demonstrar aversão, e repulsa a algo ou alguém. E assim como na língua oral, a LIBRAS em Macapá também tem a expressão “égua”. Também é preciso mencionar que a LIBRAS não é uma língua ágrafa, como se acreditou ser por muito tempo. Na verdade, as Línguas de Sinais seguem um sistema linguístico de escrita conhecido por *Sing Writing* (SW) e tido como fato muito importante na história dos surdos. O sistema foi iniciado em 1974 e daí evoluíram com muitas pesquisas até chegar às escolas de surdos do Brasil.

Em se tratando do Brasil, a pesquisa foi liderada pela pesquisadora surda Marianne Stumpf, em meados de 1996, e em 2005 defendeu sua Tese de Doutorado com o tema. Atualmente, esse sistema, no Brasil, está sendo difundido como Escrita em Língua de Sinais (ELS) (STROBEL, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou refletir o quão estigmatizante é para um surdo ter uma simples conversa em casa. Não só as conversas, bem como entender o que se passa a sua volta. O cotidiano das famílias é baseado em experiências orais. Os diálogos, as reuniões em família, os aniversários e comemorações, sem exceção seguem as conveniências sociais, de uma comunidade oral-auditiva, regadas a música e diálogos que privilegiam a oralidade. Desconsiderando quase na totalidade a presença da pessoa surda usuária de LIBRAS.

Para exemplificar isso, pensemos um brasileiro vivendo em lar americano sem saber falar inglês, o surdo em muitas situações, sente-se um estrangeiro vivendo em seu país. Há na sociedade um movimento coercitivo, que busca não só normatizar, mas, sobretudo, homogeneizar, fazendo com que surdos, busquem, nos termos de Goffman (2012), performar.

No sentido, não só de preservação de sua fachada, mas também numa busca por se igualar aqueles que falam e ouvem. É comum ver surdos mais jovens, balbuciando sons desconexos, mas que acreditam terem algum sentido, para eles é como se estivessem falando, como os ouvintes. E fazem isto, por serem coagidos a tal. Desde a mais tenra idade são obrigados a oralizar como os demais, seus pais aprendem que não devem incentivar seus filhos a sinalizar, pois isto dificultará seu desenvolvimento como pessoa.

Por fim, concluímos que mesmo a LIBRAS sendo usada como artefato cultural dos surdos, e por assim dizer, um dos mais potentes, ainda assim, os processos de estigmatização pela sociedade majoritária são recorrentes, contudo é importante dizer que surdos não se vem mais como “coitados”, como “excluídos”, ao contrário, já começam a se organizar politicamente, portanto passando a ser um fenômeno social e não mais “deficientes”, como a sociedade os vê.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2012.

CAMPOS, Ronaldo Manassés Rodrigues. **A apropriação da legislação de LIBRAS em escolas públicas de Macapá**: entre a letra da lei e as práticas escolares. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas). Disponível em: www.unifap.br/public/biblioteca/index. Acesso em: 30 set. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papiрус, 2012.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 5. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

Σ SIGMA, Macapá, v. 3, n. 2, p. 70-82, jul. - dez. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

MONAGHAN, Leila. **A World's Eye View: deaf cultures in global perspective in Many Ways to Be Deaf: international variation in deaf communities**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo. São Paulo: UNESP, 2000.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691. Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

Sobre o autor

Ronaldo Manasses Rodrigues Campos

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC

Contato: avalom25@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4655-4466>

Artigo recebido em: 22 de outubro de 2022.

Artigo aceito em: 20 de novembro de 2022.